



## “¿NATURALEZA, QUE QUIERES?”

Maria Celeste de Almeida Wanner. UFBA  
Valter Luis Dantas Ornellas. UFBA

**RESUMO:** Este texto propõe algumas reflexões sobre arte, homem e natureza, referindo-se a um trabalho realizado na Colômbia, por esses autores, como resultado de uma residência artística, na Casa Três Pátios, na cidade de Medellín, em 2010. “¿Naturaleza, que quieres?”, trata-se de uma instalação na fachada da Galeria, composta por dez tubos de ensaio, preenchidos parcialmente com terra, água, componentes orgânicos diversos e sementes de elementos da flora, tais como o girassol. A proposta conduziu a um processo de germinação, também proporcionado pela iluminação e aquecimento, proveniente dos dez pontos de led azul, posicionados no interior de cada tubo. Os fundamentos teóricos que amparam esta reflexão estão na Filosofia da Natureza, de Schelling e Peirce, e o conceito de *autopoiese*, de Varela e Maturana.

**Palavras-chave:** Arte. Instalação. Natureza. Filosofia. Autopoiese.

### ABSTRACT

*This text proposes some reflections about art, man and nature, based on an art work of these two authors, in Colombia, as a result of an artistic residence, in Casa Tres Patios, in the city of Medellín, in 2010. “¿Naturaleza, que quieres?”, that means, “Nature, what do you want?” is an installation, behind a gallery’s large glass facade. The work is composed of 10 (ten) test tubes of glass, with land, water and sunflower seeds, in trial of germination, lightened, interiorly, for 10 (ten) points of led blue light. The theory is anchored in the Philosophy of the Nature of Schelling and Charles Peirce, and the concept of Autopoiesis, by Francisco Varela and Humberto Maturana.*

**Key words:** Art. Installation. Nature. Philosophy. Autopoiesis.

*“Os céus mudam a cada momento e refletem sua glória ou melancolia nas planícies abaixo. O estado da colheita nas fazendas adjacentes altera a expressão da terra a cada semana. A sucessão de plantas nativas nos pastos e arredores, que faz com que o relógio silencioso conte as horas de verão, fará as mesmas divisões do dia sensíveis ao observador entusiasta. As tribos de pássaros e insetos, como as plantas pontuam a seu próprio tempo, seguem uns aos outros, e o ano tem lugar para todos”.*

(Ralph Waldo Emerson)

## 1. Introdução

Com o advento da fotografia, a pintura perdeu sua finalidade de representação do mundo “real”, i.e., a mimese. Em contrapartida, a arte abstrata atraiu muitos artistas. Porém, nos anos 1950, com o grupo conhecido como Neo-Dadas, e posteriormente, com a Pop Art, surge um interesse pela estética do cotidiano no cenário internacional das artes visuais. Nas duas últimas décadas do século XX e no alvorecer do século XXI, vislumbramos uma arte plural, com inúmeras práticas, que retomam as técnicas ditas “tradicionais”. Além disto, esta pluralidade é percebida nas instalações, na Earth Art, nas performances, nas intervenções urbanas, nas ações, na manipulação e argumentação de luz, no movimento e no som, com equipamentos analógicos e com sistemas digitais, imagens sintéticas etc. Todas essas formas de expressão questionam, através de imagens, o nosso cotidiano, comunidades urbanas e rurais, modos de ver, fazer, experimentar e interpretar o mundo que nos cerca, em amplo sentido. E para tanto, sempre retomamos as vanguardas modernistas, desde que elas sejam um dos principais índices de contemporaneidade. Deste modo, além das hibridizações e expansões de linguagens e conceitos, celebramos uma estreita aproximação das artes visuais com outros campos do conhecimento humano. Contudo, este interesse é fruto de uma mudança que merece ser pontuada e esclarecida. Com base na ruptura do pensamento único e da forte presença das dicotomias, própria do pensamento ocidental, as teorias pós-estruturalistas trouxeram uma nova maneira de pensar, ao incluir conceitos próprios da linguagem, da literatura e de outros campos da ciência.

Sem dúvida, a partir desse cenário de mudanças, a Natureza já vinha atraindo a atenção de artistas, críticos, historiadores e pesquisadores, desde os anos 1960, sobretudo com os artistas da Earth Art.

A relação que um dos artistas mais conhecidos da Earth Art norte americana - Robert Smithson - mantém com a Natureza, está ancorada sobre o conceito de sedimentação, que se refere sobre mentes humanas e a Natureza. De acordo com Wanner<sup>1</sup>, Smithson entende que:

[...] tanto a mente do homem como a mente da Terra está em constante estado de erosão; a mente dos rios desgasta seus bancos; o cérebro subverte os despenhadeiros do pensamento; as idéias decompõem-se em pedras desconhecidas; e as cristalizações conceituais tornam-se pó.

Para Smithson<sup>2</sup>, os materiais não são sólidos, todos eles contêm cavernas e fissuras, são superfícies prontas a racharem a qualquer momento. Seu pensamento arqueológico difere dos conceitos e noções tradicionais sobre o tempo linear. Para ele, o tempo transforma todas as coisas, e a matéria está sujeita a todas as mutações. Com esse pensamento, Smithson acredita que a Arte deve explorar as mentes pré-históricas e pós-históricas, e deve ir a lugares onde o futuro remoto possa encontrar o passado remoto. Neste período, muitos artistas buscaram inspiração em poetas e escritores, como os filósofos Friedrich Wilhelm Joseph Von Schelling, Ralph Waldo Emerson e Henry David Thoreau, pensadores que produziram conhecimento a partir da Natureza.

Maior expoente da Filosofia da Natureza, Schelling inaugurou uma nova maneira de pensar, em plena Alemanha de explosão do Romantismo, na passagem do século XVIII ao século XIX. Schelling recorria à idéia de vida, de paixão, de inspiração e de beleza, contrariando o conceito de uma visão de um mundo mecanicista; um mundo que desde o século XVI fora concebido como um mundo mecânico. Para ele, genericamente, a Natureza é rica em diversidade, em qualidade, em assimetria; diferentemente de um mundo estritamente com leis mecânicas. Sua filosofia nos diz que a Natureza é um sistema que nunca está em repouso, onde todos os seres naturais crescem e cada um cria hábitos a depender de seu próprio tempo. A nós, ela não aparece como um todo, mas sempre em recortes, e “o único conhecimento imediato que possuímos é do nosso próprio ser. [...] Fora de nós nunca poderemos compreender, mas podê-lo-emos se ela se realiza em nós, porque nesse caso somo-la, e ela que constitui a nossa própria natureza”<sup>3</sup>.

Para o filósofo norte americano Charles Sanders Peirce<sup>4</sup>, “a natureza somente parece inteligível na medida em que parece racional, ou seja, na medida em que seus processos são considerados similares a processos de

pensamento”. Tal entendimento de Peirce é também reconhecido por Santaella<sup>5</sup> na passagem que se segue:

A natureza é um repertório de fatos muito mais vasto e muito menos claramente ordenado do que um relatório do censo; e se a humanidade não tivesse vindo a ela com aptidões especiais para adivinhar corretamente, teríamos tudo para duvidar se, nos dez ou vinte mil anos de sua existência, suas grandes mentes teriam sido capazes de chegar à quantidade de conhecimento. [...] Todo conhecimento humano, até os mais altos pícaros da ciência, não é senão o desenvolvimento de nossos instintos animais inatos. É sempre a hipótese mais simples, no sentido de mais dócil e natural, aquela que o instinto sugere, aquela que deve ser proferida.

Conseqüentemente, a relação do homem com a Natureza não é apenas uma relação de escolha, ou seja, o homem não se volta à Natureza por vontade própria e nela tenta descobrir um mundo diferente do seu, mas, pelo contrário, Homem e Natureza estão ligados por elos que são inerentes à sua constituição. Ainda de acordo com Peirce<sup>6</sup>:

Não pode haver nenhuma dúvida razoável de que a mente humana, tendo se desenvolvido sob as influências das leis naturais, pensa naturalmente por essa razão, de um modo similar aos padrões da natureza. [...] A espécie humana desenvolveu essa faculdade provavelmente no curso do crescimento evolutivo de sua constituição física e mental. “Certas Uniformidades”, “certas idéias gerais de ação”. Certas leis de movimento operam por todo o universo, e a mente humana, a mente raciocinante é um produto dessas leis altamente onipresentes. [...] O homem tem o insight natural das leis da natureza.

À luz desse entendimento, Rorty<sup>7</sup> assim se expressa:

Sendo parte da natureza, a mente emergiu do mesmo processo evolutivo que perpassa a biosfera. Há, conseqüentemente, uma conaturalidade entre a mente e os cosmos, o que significa que o homem tem uma afinidade com a natureza, está em sintonia com ela, e possui uma adaptação natural para imaginar teorias e idéias que traduzem essa sintonia. Mente e natureza desenvolvem-se juntas, esta última implantando, na primeira, sementes de idéias que irão amadurecer em comum concordância.

Essa teoria desmistifica algumas idéias presentes no pensamento humano, sobretudo na cultura ocidental, de que o homem é um ser superior que cria e domina a Natureza à sua vontade.

Em muitas passagens nos manuscritos deixados por Peirce<sup>8</sup>, vamos encontrar uma maneira poeticamente particular de ver e entender a relação entre a mente humana e a Natureza, ainda que dentro de um raciocínio cientificamente lógico, como ao dizer que nossa faculdade de adivinhação

corresponde aos poderes voadores e musicais dos pássaros, isto é, ela é para nós o que estes são para eles: o mais atirado dos nossos poderes meramente intuitivos. Ao que Santaella<sup>9</sup> acrescenta que “a habilidade para fazer conjunturas é para o homem aquilo que o vôo e o canto são para os pássaros”, o [...] “instinto funciona como um fio comum unindo todos os seres vivos da natureza, desde os vegetais, passando pelos animais inferiores até o homem”.

O conceito de Autopoiese, de Maturana e Varela<sup>10</sup> (1997), determina, através da Biologia, a capacidade de autonomia da vida em ser gerada a partir do seu próprio organismo, que se regula e atualiza conforme sua necessidade. Para Maturana<sup>11</sup>, o ser humano é definido como sistema autopoietico, i.e., o ser e o fazer de um sistema vivo são inseparáveis, pois não existe uma separação entre quem produz e o que é produzido em uma unidade autopoietica.

Diante das explicações, acima, sobre ciência e arte, e suas relações com uma visão de mundo antropocêntrica, a idéia de o homem ser mais um elemento da Natureza, não é uma nova constatação, mas temos que admitir que, como sendo uma era plural, essas questões retomam discussões antigas, para um novo âmbito de busca de interação do sujeito com o mundo.

## **2. “¿NATURALEZA, QUE QUIERES?”**

Durante residência artística realizada na Casa Três Patios, na cidade de Medellín, Colômbia, entre março e abril de 2010, fomos levados a desenvolver várias investigações artísticas de caráter teórico-prático. Além da mostra de vídeos de nossa autoria e da apresentação de palestras abertas ao público, houve uma interação direta com a cultura e a natureza daquele país.

Entre caminhadas e diálogos com a cidade, também tivemos a oportunidade de viajar pela zona rural, a exemplo de um primeiro momento, quando nos deslocamos para as montanhas. Ali, vivenciamos a oportunidade de conhecer uma típica “finca” de café, em meio a povoados com uma cultura bastante peculiar, com reduzida influência de hábitos urbanos. A exuberância, original desse espaço, encantava-nos pela diversidade da fauna e da flora, bem como pelos fenômenos naturais, pela altitude, temperatura, habitantes e seus meios de transporte. Em contrapartida, o contato com esse contexto

provoca questionamentos sobre os elementos norteadores dos seus processos naturais, na contramão de espaços contemporâneos, pós-industriais e as noções sobre progresso.

Quando pensamos no trabalho artístico que encerraria nossa estadia na residência, fomos inspirados e motivados por algumas reflexões surgidas a partir daquele nosso cotidiano.

Por conseguinte, a obra intitulada “¿Naturaleza, que quieres?” foi elaborada com vistas a estimular questionamentos sobre o processo natural de crescimento e a autopoiesis dos seres vivos. Nossa proposta aproveitou-se do imenso visor de vidro da fachada para funcionar como uma vitrine, permitindo, exclusivamente, a visualização de “¿Naturaleza, que quieres?” desde o espaço externo à Galeria da Casa Três Pátios. Sendo assim, além dos interessados que se dirigissem ao espaço expositivo, transeuntes ocasionais que passassem pela rua, sem intenções de visitar a exposição, teriam, também, acesso à obra. A instalação mostrava-se composta por dez tubos de ensaio, preenchidos parcialmente com terra, água, componentes orgânicos diversos e sementes de elementos da flora, tais como o girassol. O tempo conduziu a um processo de germinação, também proporcionado pela iluminação e aquecimento, provenientes dos dez pontos de *led* azul, cada um posicionado no interior de um dos dez tubos.

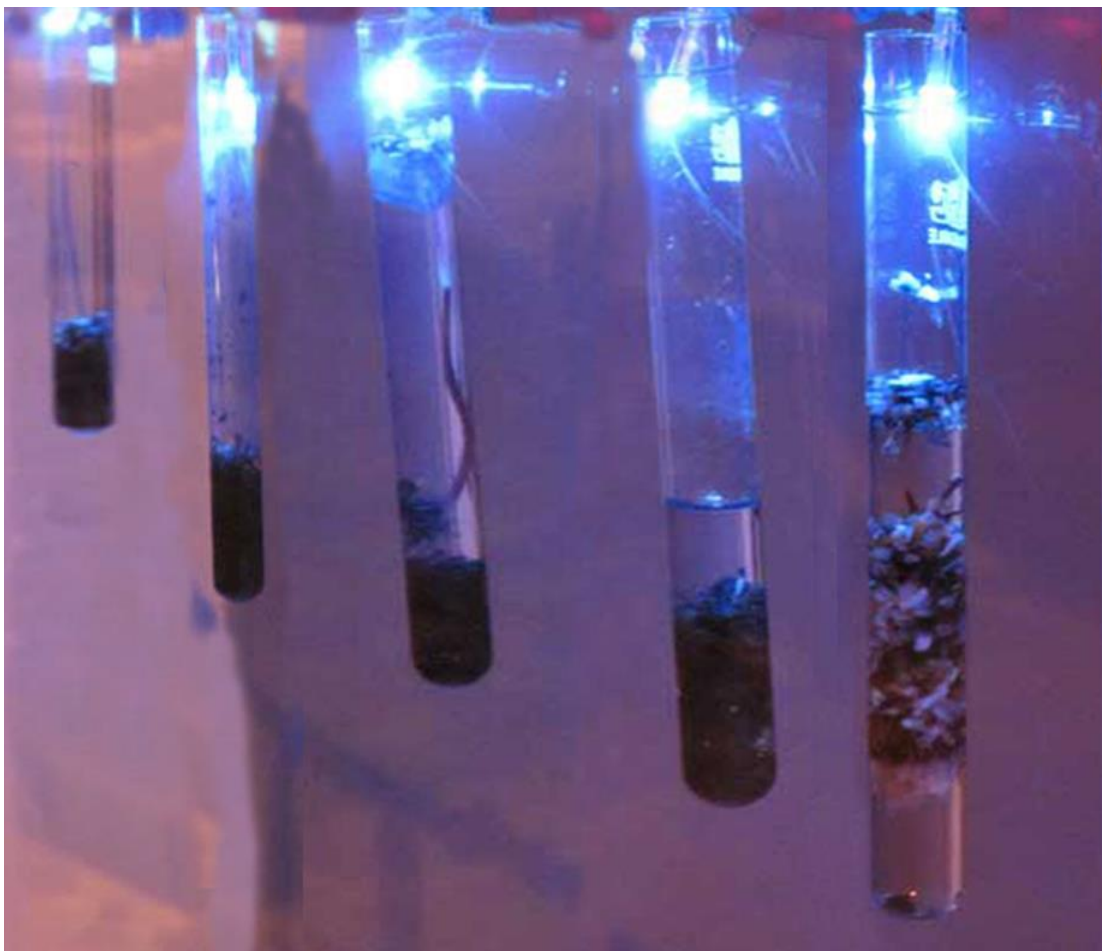


Sob o aspecto da temporalidade, o tempo do observador diante de obras consideradas estáticas, a exemplo de uma pintura ou de uma escultura, configura-se pelo tempo em que ele a observa, aliado ao que ocorre, posteriormente, na reflexão sobre o que foi visto, ritmado pelos hábitos de cada observador. Diferentemente de uma arte dita estática, a instalação, objeto desta reflexão, apresenta elementos naturais que seguem seus cursos no tempo, mudando a cada instante. Assim, têm-se novas maneiras de ver e pensar sobre a arte. Afinal, diante de “¿Naturaleza, que quieres?”, o espectador observa algo mutante, um breve processo de germinação, que depende de um olhar contínuo. A arte que envolve elementos naturais, extraídos do mundo “real” possui uma relação estreita com o movimento da Natureza.

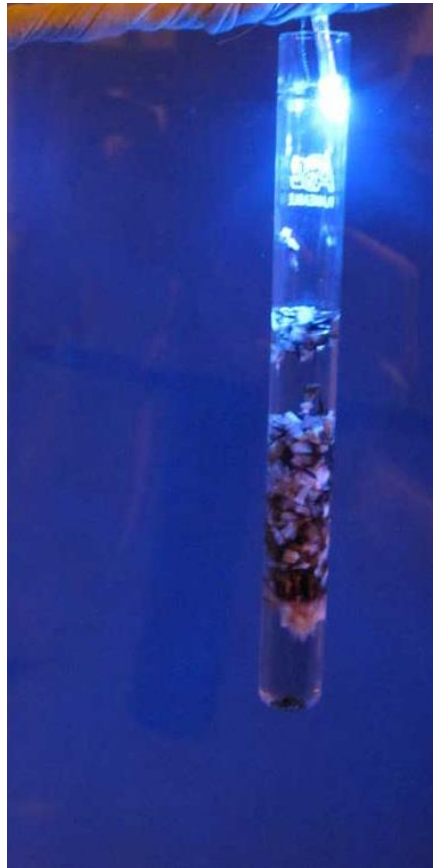


Ainda em relação à temporalidade, nesta instalação, a impermanência se mostra também sob influência das condições atmosféricas, a exemplo da

luminosidade do ambiente. Durante o dia, a luz natural participa do processo de germinação e oferece fidelidade às aparências dos elementos, de acordo com as experiências colaterais que compõem nosso repertório, responsável pelo reconhecimento dos componentes da Natureza. Já à noite, a instalação oferece novas percepções, devido ao efeito da iluminação de cor azul. Pela transparência de cada tubo de ensaio, a luz *led* espalha-se pelo ambiente, banhando o entorno por uma luminosidade azul. Desta maneira, os elementos naturais surgem sob um novo aspecto.







Portanto, a percepção da existência do tempo está associada ao envolvimento com qualidades de sentimento diferenciadas ou com as atualizações das qualidades de sentimento que permeiam a autogeração dos signos, pois, segundo Peirce<sup>12</sup>, o tempo só existe se houver qualidades modificáveis continuamente.

Retornando ao conceito de autopoiese, acreditamos que os elementos orgânicos, empregados em “¿Naturaleza, que quieres?”, regulam-se e atualizam-se conforme suas necessidades. A instalação pode ser percebida como um microcosmo, evidenciando sistemas compostos de organismos ávidos por suas próprias sobrevivências. Esta constatação conduz à lembrança do conhecimento preconizado pelo filósofo luso-holandês Baruch Spinoza quando, em 1677, afirmou que “O esforço pelo qual toda coisa se esforça para perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas um tempo indefinido”<sup>13</sup>.



Para concluir, devemos ressaltar que a arte se mostra como uma apropriada maneira de se representar questões que intrigam o ser humano. Quando pensamos a respeito da Natureza e suas representações, torna-se mais evidente a constatação da impossibilidade de abarcarmos a amplitude de sua diversidade. Não é sem propósito que recorreremos novamente a Emerson para finalizar esta reflexão.

Realmente a arte não pode concorrer com essa grandeza de cores, pois o rio é uma gala perpétua e vangloria-se a cada mês em um novo ornamento e depende exclusivamente do Tempo.<sup>14</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> WANNER, 2010, p.204

<sup>2</sup> SMITHSON apud WANNER, 2010, p.204-205

<sup>3</sup> SCHELLING, 2001, p.193

<sup>4</sup> IBRI, 1992, p.57

<sup>5</sup> SANTAELLA, 2000, p.148-149

<sup>6</sup> PEIRCE apud SANTAELLA, 2004, p. 104-106

<sup>7</sup> RORTY apud SANTAELLA, 2004, p. 148-149

<sup>8</sup> PEIRCE apud SANTAELLA, 2004, p.105

<sup>9</sup> SANTAELLA, 2004, p.105

<sup>10</sup> Francisco J. Varela, (Santiago do Chile, 7 de setembro de 1946 - Paris, 28 de maio de 2001), biólogo e filósofo chileno, escreveu sobre sistemas vivos e cognição: autonomia e modelos lógicos. Ph.D. em Biologia (Harvard, 1970), em 1979, escreveu "Princípios de Autonomia Biológica", um dos textos básicos da autopoiese, teoria que desenvolveu com Humberto Maturana. Depois de ter trabalhado nos EUA, mudou-se para a França, onde passou a ser diretor de pesquisas no CNRS - Centro Nacional de Pesquisas Científicas - no Laboratório de Neurociências Cognitivas do Hospital Universitário da Salpêtrière, em Paris, além de professor da Escola Politécnica, também em Paris.

<sup>11</sup> MATURANA, 1997, p.43

---

<sup>12</sup> CP 1.377

<sup>13</sup> SPINOZA, 1954, p. 421

<sup>14</sup> EMERSON, 1983, p. 14

## REFERÊNCIAS:

EMERSON. Ralph W. Nature. In **Essays and lectures**. New York: Viking Press, 1983.

IBRI, Ivo Assad. **Kósmos noëtós**. São Paulo: Perspectiva e Hólon, 1992.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos: autopoiese - a organização do vivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e semiótica**. São Paulo. Hacker, 2004.

\_\_\_\_\_. **Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Metodo anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: UNESP, 2004.

SHELLING, F. W. J. **Idéias para uma filosofia da natureza**. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2001.

SMITHSON, Robert. A sedimentation of the mind: earth projects (1968). In KASTNER, Jeffrey. (ed). **Land and environment art**. London: Phaidon Press, 1988, p. 215-218

SPINOZA, Baruch. **Euvres completes**. Tradução de Rolland Caillois, Madeleine Francès e Robert Misrahi. Paris: Gallimardi, 1954.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. **Paisagens sígnicas: Uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2010.

### **Maria Celeste de Almeida Wanner**

Profa Titular, Escola de Belas Artes-UFBA. Artista Visual. Pós-doutorado em Semiótica e Artes Visuais Contemporâneas pela PUC-São Paulo, bolsista CNPq, 2007-2008, supervisão Profa.Dra. Lucia Santaella. Líder Grupo de Pesquisa Arte Híbrida-UFBA-CNPq. Pesquisadora Produtividade e Pesquisa CNPq.

### **Valter Luis Dantas Ornellas**

Artista Visual – Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia – Doutorando do Programa Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, sediado na Universidade Federal da Bahia – Membro do Grupo de Pesquisa Arte Híbrida-UFBA-CNPq.